

Prefeitura Municipal de Salvador do Estado da Bahia

SALVADOR-BA

Professor de História

AB039-19



Todos os direitos autorais desta obra são protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/12/1998.
Proibida a reprodução, total ou parcialmente, sem autorização prévia expressa por escrito da editora e do autor. Se você conhece algum caso de "pirataria" de nossos materiais, denuncie pelo sac@novaconcursos.com.br.

OBRA

Prefeitura Municipal de Salvador do Estado da Bahia

Professor de História

EDITAL N° 002, DE 29 DE MARÇO DE 2019

AUTORES

Conhecimentos Específicos - Profª Silvana Guimarães

PRODUÇÃO EDITORIAL/REVISÃO

Elaine Cristina

Érica Duarte

Leando Filho

Karina Fávaro

DIAGRAMAÇÃO

Elaine Cristina

Thais Regis

Danna Silva

CAPA

Joel Ferreira dos Santos



www.novaconcursos.com.br

sac@novaconcursos.com.br

APRESENTAÇÃO

PARABÉNS! ESTE É O PASSAPORTE PARA SUA APROVAÇÃO.

A Nova Concursos tem um único propósito: mudar a vida das pessoas.

Vamos ajudar você a alcançar o tão desejado cargo público.

Nossos livros são elaborados por professores que atuam na área de Concursos Públicos. Assim a matéria é organizada de forma que otimize o tempo do candidato. Afinal corremos contra o tempo, por isso a preparação é muito importante.

Aproveitando, convidamos você para conhecer nossa linha de produtos "Cursos online", conteúdos preparatórios e por edital, ministrados pelos melhores professores do mercado.

Estar à frente é nosso objetivo, sempre.

Contamos com índice de aprovação de 87%*.

O que nos motiva é a busca da excelência. Aumentar este índice é nossa meta.

Acesse **www.novaconcursos.com.br** e conheça todos os nossos produtos.

Oferecemos uma solução completa com foco na sua aprovação, como: apostilas, livros, cursos online, questões comentadas e treinamentos com simulados online.

Desejamos-lhe muito sucesso nesta nova etapa da sua vida!

Obrigado e bons estudos!

*Índice de aprovação baseado em ferramentas internas de medição.

CURSO ONLINE



PASSO 1

Acesse:

www.novaconcursos.com.br/passaporte



PASSO 2

Digite o código do produto no campo indicado no site.

O código encontra-se no verso da capa da apostila.

*Utilize sempre os 8 primeiros dígitos.

Ex: JN001-19



PASSO 3

Pronto!

Você já pode acessar os conteúdos online.



ÍNDICE

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS – PROFESSOR DE HISTÓRIA

História: teoria e métodos. História das Sociedades: culturas e mentalidades, poder, economia, etnia, sexualidade e desenvolvimento tecnológico.....	01
História Antiga: As primeiras civilizações. O escravismo. Organização econômica, social e política do povo egípcio. Grécia: economia, organização social e pensamento. Roma: da república ao declínio do Império. Os povos bárbaros...	13
História Medieval: Sociedade medieval: economia, sociedade e organização política. O Império Carolíngio, As Cruzadas, A crise do feudalismo.....	21
História Moderna: Expansão marítima. América Pré-Colombiana. A Colonização Européia. O Renascimento. As Monarquias Nacionais e o Absolutismo. A Revolução Inglesa.....	27
História Contemporânea: A Revolução Francesa. Revolução Industrial. Revoluções Liberais. A Primeira Guerra Mundial. Revolução Russa. A crise de 1929. O fascismo na Itália. O nazismo na Alemanha. A Segunda Guerra Mundial. O mundo pós-guerra: a Guerra Fria a formação do Terceiro Mundo. O Neo-Imperialismo e a América Latina; O Neo-Imperialismo e a luta de libertação dos povos africanos. Neoliberalismo.....	36
História do Brasil: Colônia - Colonização Portuguesa: aspectos sociais, políticos e econômico. Escravidão, Tráfico Transatlântico e trabalho no Brasil. O cotidiano na Colônia. Rebeliões e Quilombos; Vinda da Família Real; Independência. Império - Primeiro Reinado. Período Regencial. Segundo Reinado. As revoltas liberais. O cotidiano no Império. Aspectos econômicos e políticos do Império. República - Primeira República: aspectos, econômicos, políticos e sociais. As oligarquias. A crise do café. O trabalho, o Estado e a legislação social na chamada "A Era Vargas". O trabalho e o sindicalismo nos anos 50 e 60. O movimento de 1964 e o Estado de Segurança Nacional. Da distensão à "abertura" política: anistia, a campanha pelas Diretas, o fim do regime militar.....	53
O Neoliberalismo e a Globalização; Identidades locais e globais. Novas tensões.....	81
História da África (Da pré-história aos dias atuais).....	86
Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino da História.....	100

HISTÓRIA: TEORIA E MÉTODOS. HISTÓRIA DAS SOCIEDADES: CULTURAS E MENTALIDADES, PODER, ECONOMIA, ETNIA, SEXUALIDADE E DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO.

Teoria e Métodos

Desde que o cientificismo iniciou a busca pela objetividade na história, no século XIX, a partir do momento em que a história pretendeu fazer-se uma ciência; a discussão em torno da adoção de métodos e técnicas tornou-se uma necessidade tão premente como a composição teórica para fornecer sustentação científica ao discurso historiográfico.

Embora a definição de ciência comporte múltiplos conceitos, a teoria, a especulação sobre os princípios da ciência, depende de métodos e técnicas para tornar-se viável.

Para Aristóteles, por exemplo, a ciência seria a busca do universal e do eterno, dentro do âmbito da definição contemporânea, entendida como um processo de investigação para alcançar um conjunto de conhecimentos tidos como verdadeiros, por meio de generalizações verificáveis.

Para compor hipóteses e verificá-las, centro do conhecimento científico, responsável por sua distinção do senso comum, o método é essencial, estando, por sua vez, estritamente vinculado com a técnica.

O método, definido como a ordem estabelecida na investigação da verdade, carece da técnica para ser efetivado, ou seja, precisa de um conjunto de processos especializados, ordenados em consonância com a metodologia.

Método e Técnica e o funcionamento da Ciência.

Segundo Júlio Aróstegui, o método atua como uma bússola para a teoria, um sistema de orientação no transito dos caminhos que seriam seguidos para obter certezas.

Enquanto a teoria proporia explicações para os fenômenos e soluções para os problemas observados, o método seria o procedimento adotado para obter conhecimentos e determinar os passos para explicar e demonstrar a realidade, comprovando hipóteses.

Entretanto, paradoxalmente, assim como a teoria depende do método, este último também só poderia existir dentro do âmbito de procedimentos lógicos formulados a partir de pressupostos teóricos, formando o que os lógicos chamam de círculo, já que a teoria necessita do método e este da teoria.

Apesar de na antiguidade, Aristóteles ter demonstrado certo interesse pela composição de um método, chamado por ele de investigação, foi René Descartes, no século XVII, que iniciou a vinculação do método com a ciência, pretendendo, através da obra Discurso do Método, fornecer um caminho pelo qual se poderia determinar resultados.

Descartes pretendia criar um programa que regulasse, antecipadamente, uma sequência de operações para evitar erros, dividindo problemas complexos em partes menores para facilitar sua resolução, a semelhança de uma equação matemática, resolvida parte a parte até a atingir a solução do todo.

O aprimoramento deste conceito conduziu a sua interdependência com a técnica, o conjunto de procedimentos ordenados pelo método.

A técnica, segundo uma definição alcançada em 1890 pelo filósofo Espinas, seria, justamente, a prática necessária para efetivar o método, compondo o domínio de procedimentos, instrumentos e materiais, de modo que um método poderia empregar diversas técnicas e uma técnica ser útil a diversos métodos.

A teoria, o método e a técnica, unidos, compõem um sistema, constituindo um modelo que torna a ciência possível.

O conceito de modelo implica em operações visando representar as relações e funções que ligam as unidades de um sistema, por meio de generalizações, permitindo explicações.

A ciência precisa de modelos para entender a realidade e resolver os problemas que a pesquisa impõem, mesmo que a percepção não passe de um momento cognitivo, remetendo a busca pela verdade e a distinção do conhecimento científico de seu similar oferecido pelo senso comum.



A história, como todas as outras ciências, também necessitou de modelos para organizar e sistematizar o conhecimento que lhe é inerente.

As teorias que forneceram sustentação às várias correntes historiográficas, tornaram-se viáveis graças à elaboração de padrões de explicação presentes na metodologia.

A despeito de cada concepção teórica comportar múltiplos modelos, ao passo que cada modelo possui variados métodos e técnicas, muitas vezes entrelaçados; a história, em meio à reivindicação de sua cientificidade, sempre empregou métodos e técnicas emprestados de outras ciências.

Um processo intensificado a partir de Annales, criando variações específicas que terminaram constituindo um arcabouço de métodos científicos propícios ao entendimento da natureza de seu objeto de estudo.

O método científico aplicado ao conhecimento histórico.

Na década de 1960, Jacques Le Goff chegou a afirmar que o trabalho do historiador consistia em estabelecer acontecimentos, bastando aplicar aos documentos um método para fazer os fatos aparecerem.

Na realidade, assim como ainda hoje muitos confundem teoria com metodologia, um erro comum é tomar a técnica pelo método, algo a que nem mesmo Le Goff escapou.



A confusão tem uma razão histórica, ligada ao desenvolvimento e aplicação de métodos científicos à análise historiográfica.

Muitas técnicas já foram consideradas métodos, fazendo nascer especialidades ainda ativas, transformadas em linhas de pesquisa nos centros acadêmicos, como é o caso, por exemplo, da demografia histórica.

Algo que não poderia ter sido diferente, diante do fato, lembrado por Émile Durkheim, de que um método nunca pode ser mais do que provisório, já que se modifica a medida que a ciência avança e que o próprio conceito de ciência é alterado.

Pensando especificamente no conhecimento histórico e na concepção contemporânea, a técnica serve a decodificação do passado, ao interrogatório que o historiador conduz a partir dos documentos, enquanto o método insere-se no contexto da condução da resolução dos problemas encontrados pelo historiador ao questionar o passado ou observar o presente.

A despeito de podermos considerar que os memorialistas do século XVIII, ou mesmo os historiadores de períodos anteriores, conduzissem seus estudos pautados por métodos específicos de seu tempo.

Uma preocupação sistemática com a questão da busca de um método científico que pudesse ser aplicada a história só surgiu com o cientificismo no século XIX.

Foi em 1892, por exemplo, que no Collège de France a cátedra de História e Moral foi suprimida, sendo substituída pela cátedra de História Geral e do Método Histórico, embora o seu surgimento estivesse inserido dentro da tradição das narrativas totalizadoras que pretendiam abordar a história das civilizações.

Não obstante, apesar de todos os esforços, alguns ainda consideram a maioria dos trabalhos, dentro do âmbito historiográfico, feitos através de métodos suspeitos, senão incorretos.

A técnica: a prática do ofício do historiador.

Ao contrário do que poderia ser imaginado, o historiador não produz analogias aleatórias a partir de imagens que forma de frases soltas nos documentos, não junta grosseiramente colocações que possam sustentar sua opinião pessoal e não constrói imagens do passado calcadas em suas próprias lembranças ou em concordância com sua visão do presente.

Ele carece do domínio de técnicas que permitam, constantemente, retificar a história, substituindo, como pretenderam alguns, os traços falsos pelos exatos.

É justamente o domínio da técnica que permite ler os documentos para tentar visualizar corretamente o passado.

Poderíamos listar uma infinidade de técnicas utilizadas para ler os dados contidos nos documentos, algumas emprestadas por outras ciências, outras surgidas no seio da análise histórica.

Entretanto, Jean Chesneaux sintetizou as mais usuais na sua obra clássica Devemos fazer tábua rasa do passado, a despeito de confundi-las por vezes com métodos e empregar técnica e método dentro da mesma acepção.

Segundo ele, toda análise histórica, obviamente a partir do século XIX, é tecnicista, busca uma abordagem profissional, sendo reflexo e sustentáculo da ideologia capitalista.

Dentro da amplitude deste pressuposto, é habitual observar que os historiadores, independente da corrente teórica ou orientação metodológica, em geral, utilizam a técnica de análise baseada na diacronia-sincronia, assim como a periodização e, por vezes, a quantificação.

Através da diacronia-sincronia, todo fenômeno histórico, expresso através da língua, é analisado simultaneamente em uma série vertical e horizontal; sua extensão na dimensão do tempo, a diacronia, permite observar as conexões, antecedentes e conseqüências; já sua relação com outras referências do conjunto que é contemporâneo, a sincronia, permite visualizar as implicações entre fatos aparentemente desconexos, mas que encontram relação, por vezes, diretas.



Um refinamento da diacronia, a periodização é uma extensão da técnica, organizando as articulações em etapas, períodos que visam facilitar o estudo do fenômeno, criando compartimentos fechados envolta de momentos que parecem centrais dentro de cada etapa da história.

Uma técnica que foi reforçada pela prática pedagógica, especializando o conhecimento histórico, servindo de exemplo os estudos focados no renascimento ou na Idade Moderna.

Menos usual do que as técnicas qualitativas da diacronia-sincronia e da periodização, a quantificação; surgida, como ressaltou Jacques Le Goff, na década de 1960, a partir do estímulo da revolução tecnológica representada pela invenção do computador; passou a permitir estabelecer relações complexas, usando a estatística para chegar a conclusões palpáveis.

Porém, como lembrou Gramsci, cabe ressaltar que a história não pode ser reduzida a um cálculo matemático.

O que não invalida a técnica da quantificação e nem tampouco seus desdobramentos a história demográfica e a história serial, linhas de pesquisa que já foram tidas como concepções teóricas ou metodológicas, mas que na realidade constituem aprofundamentos da técnica.

Em todo caso, pensar a história filosoficamente é essencial para tentar entender o passado evitando anacronismos e a sua utilização política como elemento de manipulação das massas.

História das Sociedades: culturas e mentalidades, poder, economia, etnia, sexualidade e desenvolvimento tecnológico.

Em sociologia, uma **sociedade** (do termo latino *societas*, que significa "associação amistosa com outros") é o conjunto de pessoas que compartilham propósitos, gostos, preocupações e costumes, e que interagem entre si constituindo uma comunidade.

A sociedade é objeto de estudo comum das ciências humanas e ciências sociais, especialmente a sociologia, a história, a antropologia e a geografia.

É um grupo de indivíduos que formam um sistema semiaberto, no qual a maior parte das interações é feita com outros indivíduos pertencentes ao mesmo grupo. Uma sociedade é uma rede de relacionamentos entre pessoas. Uma sociedade é uma comunidade interdependente. O significado geral de sociedade refere-se simplesmente a um grupo de pessoas vivendo juntas numa comunidade organizada.

A sociedade pode ser vista como um grupo de pessoas com semelhanças étnicas, culturais, políticas e/ou religiosas ou mesmo pessoas com um objetivo comum. Uma delimitação física (como um território, um país ou um continente) não pode definir uma sociedade, já que entre eles podem ter diferenças que podem se afastar do conceito da sociedade.

Está implícito, no significado de sociedade, que seus membros compartilham interesses ou preocupações mútuas sobre um objetivo comum. Como tal, "sociedade" é, muitas vezes, usado como sinônimo para o coletivo de cidadãos de um país governados por instituições nacionais que lidam com o bem-estar cívico.

Pessoas de várias nações unidas por tradições, crenças ou valores políticos e culturais comuns, em certas ocasiões, também são chamadas de sociedades (por exemplo, a Judaico-cristã, a Oriental, a Ocidental etc.). Quando usado nesse contexto, o termo age como meio de comparar duas ou mais "sociedades" cujos membros representativos representam visões de mundo alternativas, competidoras e conflitantes.

Também, alguns grupos aplicam o título "sociedade" a eles mesmos, como a "Sociedade Americana de Matemática", por exemplo. Nos Estados Unidos, isto é mais

comum no comércio, em que uma parceria entre investidores para iniciar um negócio é usualmente chamada de uma "sociedade". No Reino Unido, parcerias não são chamadas de sociedade, mas cooperativas.

Embora haja quem considere que não existem sociedades nem classes sociais: Margaret Thatcher (a "Dama de Ferro"), política britânica que ascendeu ao lugar de Primeiro-Ministro, chegou a afirmar que ela mesma (a sociedade) não existe. Conforme disse, só existem os indivíduos e suas famílias. Mas ela não foi a única a dizer que não existe sociedade.

Teóricos marxistas como Louis Althusser, Ernesto Laclau e Slavoj Žižek argumentam que a sociedade nada mais é do que um efeito da ideologia dominante e não deveria ser usada como um conceito sociológico.

A sociedade, em geral, considera o fato de que um indivíduo tem meios bastante limitados como uma unidade autônoma. Os grandes macacos sempre foram mais (*Bonobo, Homo, chimpanzé*) ou menos (*Gorila, orangotango*) sociais, portanto situações parecidas com as vividas por Robinson Crusoe são ficções ou casos um tanto incomuns para a ubiquidade do contexto social dos seres humanos.

Na antropologia

As sociedades humanas são, na maioria das vezes, organizadas de acordo com seu principal meio de subsistência. Cientistas sociais identificaram sociedades caçadoras-coletoras, sociedades pastorais nômades, sociedades horticultoras ou simples sociedades agrícolas e sociedades intensivas em agricultura, também chamadas de civilizações. Alguns consideram que as sociedades industrial e pós-industrial são qualitativamente diferentes das tradicionais sociedades agrícolas.

Atualmente, os antropólogos e muitos cientistas sociais se opõem vigorosamente contra a noção de evolução cultural e "etapas" rígidas como essas. Na verdade, muitos dados antropológicos têm sugerido que a complexidade (civilização, crescimento e densidade populacional, especialização etc.) nem sempre toma a forma de organização ou estratificação social hierárquica.

Além disso, o relativismo cultural, como uma abordagem generalizada ou ética, tem substituído as noções de "primitivo", melhor/pior ou "progresso" em relação às culturas (incluindo a sua cultura material/tecnologia e organização social).

Segundo o antropólogo Maurice Godelier, uma novidade importante na sociedade humana, em contraste com os parentes biológicos mais próximos da humanidade (os chimpanzés e os bonobos), é o papel de pai assumido pelos homens, que supostamente está ausente em nossos parentes mais próximos, para os quais a paternidade geralmente não é determinável.

Na ciência política

As sociedades também podem ser organizadas de acordo com a sua estrutura política. A fim de crescer em tamanho e complexidade, existem sociedades de bandos, tribos, chefias, e sociedades estatais. Estas estruturas podem ter diferentes graus de poder político, dependendo dos ambientes cultural, geográfico e histórico nos quais essas sociedades estão inseridas. Assim, uma so-

cidade mais isolada com o mesmo nível de tecnologia e cultura que as outras sociedades tem mais probabilidade de sobreviver do que uma em estreita proximidade com outras sociedades que possam interferir em seus recursos. Uma sociedade que é incapaz de oferecer uma resposta eficaz para outras sociedades que concorram com ela normalmente é subsumida pela cultura da sociedade concorrente.

Na sociologia

O sociólogo Gerhard Lenski difere as sociedades com base em seu nível de tecnologia, economia e comunicação: (1) caçadores e coletores, (2) agrícolas simples, (3) agrícolas avançadas (4), industrial, e (5) especial (sociedades, por exemplo, de pesca ou marítima). Esta classificação é semelhante ao sistema anterior desenvolvido pelos antropólogos Morton H. Fried, um teórico do conflito, e Elman Service, uma teórica da integração, que produziram um sistema de classificação para as sociedades para todas as culturas humanas com base na evolução da desigualdade econômica, da desigualdade social e do papel do Estado. Este sistema de classificação contém quatro categorias:

- Bandos de caçadores-coletores (categorização de deveres e responsabilidades).
- Sociedades Tribais, nas quais existem alguns casos limitados de classe social e prestígio.
- Estruturas estratificadas lideradas por caciques.
- civilizações, com hierarquias sociais complexas e organizadas e governos institucionais.

Além delas, também existem:

- Humanidade, sobre a qual repousam todos os elementos da sociedade, incluindo suas crenças.
- Sociedade virtual, uma sociedade baseada na identidade *online*, que está se desenvolvendo na Era da Informação.

Ao longo do tempo, algumas culturas evoluíram para formas mais complexas de organização e controle. Esta evolução sociocultural tem um efeito profundo sobre os padrões da comunidade. Tribos de caçadores-coletores se estabeleceram em torno de fontes de alimentos sazonais para tornarem-se aldeias agrárias. As aldeias cresceram para se tornarem vilas e cidades. As cidades se transformaram em cidades-estados e estados-nação.

Muitas sociedades distribuem generosidade a mando de algum indivíduo ou algum grupo maior de pessoas. Este tipo de *generosidade* pode ser vista em todas as culturas conhecidas. Normalmente, o indivíduo ou grupo generoso ganha prestígio ao realizar esses atos. Por outro lado, membros de uma sociedade também podem evitar ou excluir os membros que violem as suas normas (ver: *Preconceito social*). Mecanismos, tais como o ato de dar presentes, relações jocosas e bode expiatório, que podem ser vistos em vários tipos de agrupamentos humanos, tendem a ser institucionalizados em uma sociedade. A evolução social, como um fenômeno, traz, consigo, alguns elementos que poderiam ser prejudiciais para a respectiva população.

Algumas sociedades concedem *status* a um indivíduo ou um grupo de pessoas, quando esse indivíduo ou grupo executa uma ação admirada ou desejada. Este tipo de reconhecimento é concedido sob a forma de um título,

nome, forma de se vestir, ou recompensa monetária. Em muitas sociedades, o *status* de adultos do sexo masculino ou feminino está sujeito a um ritual ou processo deste tipo. Ações altruístas no interesse da comunidade são vistas em praticamente todas as sociedades. Os fenômenos de ação comunitária, bode expiatório, generosidade, de risco compartilhado e recompensa são comuns a muitas formas de sociedade.

Evolução sociocultural é um termo-valise para teorias de evolução cultural e evolução social, descrevendo como culturas e sociedades se desenvolveram através do tempo. Embora tais teorias tipicamente forneçam modelos para a compreensão do relacionamento entre tecnologias, estrutura social, valores da sociedade, e como e por que eles mudam com o tempo, variam quanto à descrição dos mecanismos específicos de variação e mudança social.

A maioria das abordagens do século XIX e algumas do século XX objetivavam fornecer modelos para a evolução da humanidade como um todo, argumentando que sociedades diferentes estão em etapas diferentes do desenvolvimento social^[2]. Presentemente, esta linha é continuada em certo grau pela abordagem dos *Sistemas Mundo*. Muitas das abordagens mais recentes do século XX se concentram sobre mudanças específicas em sociedades individuais e rejeitam a ideia de mudança direcional ou progresso social. A maioria dos arqueólogos e antropólogos culturais trabalham com o arcabouço de teorias modernas de evolução sociocultural. Abordagens modernas para a evolução sociocultural incluem neo-evolucionismo, sociobiologia, teoria da modernização e teoria da sociedade pós-industrial. Quaisquer que sejam os fundamentos em que os cientistas sociais se baseiam, todos estão de acordo em que a sociedade sofreu um processo gradual de transformação ao longo do tempo.

A partir das críticas levantadas pela antropologia científica de Franz Boas, Bronislaw Malinowski e Lévi-Strauss, abandonou-se a noção de evolucionismo cultural teleológico. Não necessariamente uma sociedade "progride", tampouco povos com tecnologias menos complexas são primitivos. Após extensivo trabalho de campo, a antropologia provou que cada cultura particular adapta-se aos seus ambientes naturais, tecnológicos, sociais e ideológicos, aumentando ou diminuindo sua complexidade conforme a melhor estratégia adaptativa. Uma sociedade complexa, como a dos romanos, foi substituída por outra mais simples, o feudalismo romano-germânico na Europa ocidental. Organizações de Estado, como os maias evoluíram para sociedades tribais não estatais.

História da mentalidade

A história é uma disciplina que atravessou, desde o seu processo de institucionalização como "ciência", no século XIX, inúmeras reformulações, revisões e batalhas teóricas. Na primeira metade do século XX, entre os historiadores franceses, uma "revolução" metodológica passou a acontecer. Revolução essa que deitaria raízes no futuro das reflexões sobre a história. A Escola dos Annales foi o "carro-chefe" dessa revolução. Foi de um dos fundadores da Escola dos Annales, Lucien Febvre (1878-1956), que nasceu um dos mais importantes ramos da historiografia do século XX, a história das mentalidades.